

APELIDOS NA ESCOLA: COMO OS ESTUDANTES ENTENDEM ESTE FENÔMENO?

Alunas: Ana Carolina Vilar e Raquel Jerez
Orientadores: Vera Candau e Marcelo Andrade

Introdução

Percebemos através de observações cotidianas, que as rotulações, sejam elas positivas ou negativas, criam estigmas para os estudantes, desestimulando-os de experimentar diferentes papéis e posturas durante suas trajetórias escolares.

Pesquisas como a de Vereda (2007), Marriel (2006) e Rodrigues (1994) vêm sendo realizadas acerca do tema, porém, durante o levantamento bibliográfico identificamos que o foco das atenções está, geralmente, nos apelidos depreciativos, mas julgamos também necessário tratar dos rótulos em uma perspectiva mais ampla, pois acreditamos que os depreciativos podem acarretar consequências nem sempre benéficas aos educandos.

O julgamento do outro, com base em nossos padrões e concepções é algo bastante presente em nossa sociedade. Podemos relacionar o fenômeno à dificuldade de aceitar o diferente, aquele que não corresponde ao padrão hegemônico em uma sociedade. A nosso juízo, essa estereotipação mostra uma necessidade dos indivíduos de se defenderem da diferença que o outro representa, negando sua alteridade. Sendo assim, os rótulos enquadram os indivíduos que os recebem em uma categoria reducionista, na qual são ignoradas todas as demais características do sujeito.

É diante destas reflexões que percebemos a importância de se discutir e analisar a prática dos rótulos no ambiente escolar e as consequências deste tipo de ação para os mesmos.

Objetivos

A pesquisa buscou compreender como os estudantes entendem as rotulações conferidas dentro de espaços escolares, assim como as consequências que estas têm acarretado às suas trajetórias educacionais. Para tal, buscamos, a partir de questionários, depoimentos de jovens do ensino médio e observações dos mesmos, entender melhor sobre esta questão, que como já foi dito poderia influenciar em todo o processo de ensino-aprendizagem. Através deste estudo, buscamos encontrar quais os fatores mais relevantes (para os estudantes) neste processo e qual a postura dos mesmos quando rotulam ou são rotulados. Especial atenção foi dada ao tipo de rotulações e à presença de questões de caráter cultural (étnico-raciais, de gênero, orientação sexual etc.).

Acreditamos ainda que esta pesquisa possa auxiliar os profissionais da educação a reavaliarem suas práticas, a fim de que se promova uma educação na perspectiva intercultural, centrada na tolerância, no respeito e no reconhecimento da alteridade, onde os educandos sejam capazes de refletir sobre as consequências de seus atos.

Fundamentação Teórica

Nosso trabalho fundamenta-se em autores como Marriel (2006) que desenvolve questões de autoestima, dificuldade de estabelecer bons relacionamentos e do desconforto em relação à ambientes escolares; Oliveira Jr. (2008) que em suas investigações encontra que as vítimas dos apelidos pejorativos sofrem danos considerados próximos aos originados por violências físicas; Vereda (2007) que busca compreender a visão do aluno em relação aos apelidos além de observar a forma de tratamento entre eles no ambiente escolar; Candau

(2010) que nos embasará acerca da perspectiva intercultural ajudando-nos a pensar sobre a dificuldade da escola em lidar com as diferenças e Andrade (2009) que trabalha a questão da tolerância, negando o sentido (que em geral lhe é atribuído) de falta de utopia, ou com carga de superioridade de quem diz ser tolerante e busca ressaltar a importância da educação na luta por sociedades menos intolerantes.

Metodologia

O campo privilegiado para esta pesquisa foi uma escola privada localizada na zona-sul da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma escola que recebe, majoritariamente, jovens e crianças de classe média alta e alta, os que não pertencem a este quadro social são alunos bolsistas provindos de escolas públicas que conquistaram esta oportunidade por apresentarem excelente desempenho.

Contamos com a participação de seis estudantes do terceiro ano do Ensino Médio com os quais realizamos entrevistas semiestruturadas. Além disso, foram feitas quatro visitas à escola a fim de observar os participantes durante atividades livres, tendo a intenção de perceber como eles interagem e se a prática de apelidos é realmente significativa entre os mesmos, tentando estabelecer relações entre os dados obtidos nas entrevistas e sessões de observação.

Tendo como base as informações conquistadas nas entrevistas foram aplicados 34 questionários entre os estudantes da mesma série, buscando obter dados que fossem capazes de responder às nossas questões iniciais.

Conclusões

Analisando os dados adquiridos através de nossa metodologia constatamos que este grupo de alunos do Ensino Médio desta escola percebe as rotulações – que aparecem mais nitidamente através dos apelidos – como forma de aproximação e interação natural do convívio social e que, apesar disto, podem sim gerar danos, se forem mal conduzidos.

Os fatores envolvidos na questão dos rótulos, que apareceram como mais relevantes para os participantes foram: (1) a intimidade que se estabelece através dos apelidos e (2) o conformismo dos próprios em relação aos desconfortos gerados pelos rótulos.

Por último, manifestou-se que os apelidos acarretam consequências significativas na trajetória escolar destes indivíduos, independente do teor de “agradabilidade” que possuam. Para a maioria, os apelidos ajudam a estabelecer os laços de amizade e a caracterização dos indivíduos dentro do coletivo. Salvo algumas exceções, o grupo não percebe a possibilidade de problemas gerados por apelidos, ainda que estes sejam desagradáveis. Fica nítido que existe uma naturalização do fenômeno e que a aceitação é elemento matriz neste processo. Isto nos leva a pensar que talvez esta naturalização funcione como estratégia para encobrir preconceitos e discriminações, assim como os possíveis danos por estes causados.

Referências

- 1- ANDRADE, Marcelo. **Tolerar é pouco? Pluralismo, mínimos éticos e práticas pedagógicas**. Petrópolis (RJ) DP et Alli Editora, 2009.
- 2- CANDAU, Vera. **As diferenças fazem diferença? Cotidiano escolar, interculturalidade e educação em direitos humanos**. 2010.
- 3- OLIVEIRA Jr., José Carlos de. **Os apelidos e suas implicações no corpo**. São Paulo: UNICAMP, 2008
- 4- MARRIEL, Lucimar Câmara. **Violência escolar e autoestima de adolescentes**. Rio de Janeiro: Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.
- 5- VEREDA, Rita de Cássia. **Apelido pejorativo na escola, um estudo com adolescentes paulistanos**. São Paulo: 2007